

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GES
PCP

Façamos do 1º de Maio MAIS UMA JORNADA DE LUTA

Trabalhadores portugueses, patriotas e anti-salazaristas aproximam-se o 1º de Maio, data que só por si, tem já para o povo português um significado de luta contra o fascismo, contra a exploração, contra a fome e o obscurantismo.

Faz dois anos que o povo de Lisboa, vertendo o seu sangue, escreveu uma das mais gloriosas páginas da luta contra a tirania salazarista. Faz dois anos que largas dezenas de milhares de pessoas vieram quanto vale a sua unidade e a sua força.

Em Maio de 1963, mais uma vez, os trabalhadores e juventude de Lisboa, tal como milhares de operários de outras regiões e ainda milhares e milhares de assalariados agrícolas e muitos outros portugueses voltaram a enfrentar a repressão fascista e de novo foi derramado sangue pela causa sagrada da liberdade.

As jornadas do 1º de Maio de 1962-1963, além de significarem passos muito importantes no caminho da luta contra o fascismo, constituem um verdadeiro manancial de ensinamentos para as massas populares e as forças democráticas que é necessário aproveitar convenientemente.

Nas lutas dos anos anteriores, muita gente aprendeu, que para levar por diante uma grande manifestação é absolutamente indispensável uma forte organização. Aprende igualmente, que para se poderem realizar acções de tipo diferente no desenrolar duma manifestação não se pode esperar que elas surjam apenas da espontaneidade das massas, isto quer dizer, que tais acções têm de ser encorajadas e preparadas com tempo. Por outro lado, para fazer evoluir a luta, é preciso criar organismos que durante as manifestações e de acordo com as condições concretas do momento, saibam orientar as massas para objectivos determinados.

Haverá pessoas que na base da experiência dos anos anteriores pensam que utilizando tal ou tal processo é possível impedir ou dificultar a marcha dos carros policiais e do aparelho repressivo? Pois que se tomem medidas para utilizar esses processos. Pensarão as massas que é possível encontrar formas de fazer dispersar as forças repressivas e num ou outro lado enfrentá-las com êxito? Pois que essas formas sejam estudadas e postas em prática. Haverá ainda quem pense que se devem aproveitar as manifestações de rua para causar danos à máquina de guerra fascista? Pois que se ponham em marcha tais ideias. Se as forças democráticas forem capazes de mobilizar as massas e conduzi-las a tais acções dar-se-á um passo

muito importante para levar à prática as resoluções da Conferência da F. P. L. N., que no ponto 11 dizem:

«A Conferência considerou que têm papel positivo no desenvolvimento popular e revolucionário, acções de tipo especial, incluindo acções violentas, de agitação, auto-defesa, de enfraquecimento da máquina militar de guerra colonial e outras acções ofensivas, desde que realizadas com objectivos políticos convenientemente estudadas»

Entretanto, as comemorações do 1º de Maio, não podem nem devem limitar-se apenas às manifestações de rua. Há como se sabe, muitas localidades e empresas onde não serão possíveis acções de tipo superior, mas talvez seja possível organizar pequenas paralizações de trabalho, comemorativas da data ou de apoio às reivindicações dos trabalhadores. Pode ainda acontecer noutros locais não ser isto o mais indicado, mas antes uma concentração na empresa ou sindicato de apoio às reivindicações gerais. O que é preciso é não perder nenhuma oportunidade para de uma maneira ou de outra comemorar o 1º de Maio.

Esta orientação que é válida para os trabalhadores da cidade é-o

OS PRESOS DE PENICHE NÃO ESTÃO SÓS!

Tal como já se havia verificado na campanha pela libertação do camarada Manuel Rodrigues da Silva, estão a desenvolver-se em numerosos países, acções para responder ao apelo lançado aos portugueses e aos povos de todo o mundo pelos presos de Peniche.

Segundo notícias recentes, foram já enviados protestos aos governantes fascistas pela Federação Sindical Mundial em nome de mais duma centena de milhões dos seus aderentes. Os Conselhos Central dos Sindicatos Soviéticos, e Checoslovacos tomaram a mesma atitude. A Rádio Central de Moscovo, na dia 10 de Fevereiro, transmitiu o apelo dos presos de Peniche e chamava a atenção do mundo para os perigos que correm os presos desta cadeia, ameaçados de morte pelo director da cadeia, tenente Falcão e o chefe dos guardas, Vitor Ramos.

A Rádio Portugal Livre, voz que todos os dias chega aos ouvidos de milhares de portugueses, tem dedicado a este gravíssimo problema uma atenção especial divulgando o apelo e chamando em várias emissões, o povo português a lutar pela defesa dos presos de Peniche.

Salazar e o seu bando criaram na Fortaleza de Peniche uma imagem do próprio regime. O ódio cultivava-se em cada dia, em cada hora. Uma manifestação de boa vontade, de compreensão dum carcereiro para com os presos está absolutamente vedada. Mas o muro de ódio e silêncio erguido em volta dos presos não conseguiu e jamais conseguirá abafar as suas vozes e a prova está no seu apelo que corre numerosos países e dá a conhecer a milhões de pessoas mais uma faceta do carácter odioso e ultra reaccionário do regime salazarista que não se contenta em encarcerar e torturar milhares de patriotas portugueses como tudo faz para os liquidar física e moralmente. Por tudo isto o «Avante» pede mais uma vez aos seus leitores e amigos para intensificarem as acções em defesa dos presos de Peniche.

Que se crie uma forte organização para as acções do 1º de Maio!

Que se preparem com tempo e com o máximo de pormenor as acções a levar a cabo em cada localidade, classe ou empresa!

Que cada um se disponha a dar a sua contribuição para a derrota do fascismo, pela melhoria das condições de vida e contra a guerra colonial!

VIVA O 1º DE MAIO!
VIVA A UNIDADE DA CLASSE OPERÁRIA!

A II CONFERÊNCIA da Frente Patriótica de Libertação Nacional INDICA O CAMINHO DA LUTA E DA ORGANIZAÇÃO!

Para além da grande importância que teve no alargamento da unidade, a II Conferência da Frente Patriótica de Libertação Nacional, destaca-se nas suas resoluções e recomendações, pelo espírito de luta e de acção em todos os terrenos contra a ditadura fascista. Quer dizer, a Conferência indica muito justamente que a luta a travar se não pode limitar a esta ou aquela forma, mas a todas, legais, semi-legais ou ilegais, violentas ou não violentas, ofensivas ou defensivas, económicas ou políticas. Esta orientação vem responder claramente a todos aqueles que erradamente pensam que só as acções violentas podem abrir caminho ao Levantamento Nacional contra a ditadura fascista.

A experiência tem mostrado vezes sem conta que para se chegar às grandes lutas se tem de passar pelas pequenas. A mobilização e galvanização das massas não pode ser feita apenas através da agitação, é através da acção e da luta constante que se aumenta continuamente o número dos combatentes, que eles adquirem o treino para as grandes lutas, que avaliam as suas forças,

que aprendem a conhecer os pontos fracos do inimigo e também os seus. Só através das pequenas e grandes lutas, violentas ou não violentas se poderá criar uma situação de crise revolucionária, que como bem dizia Álvaro Cunhal em entrevista concedida ao jornal francês «L'Humanité», não existe ainda no nosso país. É esta crise revolucionária que é necessário provocar, era por isso que a Conferência apelava:

«Todos os democratas, civis e militares, trabalhadores ou intelectuais devem imediatamente tomar o seu lugar no combate anti-fascista»

A luta nacional de libertação deve entrar numa nova fase mais intensa, mais energética, mais audaciosa». Foi para alcançar estes objectivos que a Conferência dizia no seu Apelo aos portugueses: «É preciso escolher entre a passividade e a acção, entre o medo e a coragem, entre a tirania e a liberdade, entre a guerra e a paz, entre o regime fascista que conduz Portugal ao desprestígio e à ruína e a democracia que restabelecerá a convivência cívica e abrirá na liberdade e para a liberdade a estrada do progresso e desenvolvimento econó-

mico». Por sua vez os pontos 8 e 9 das Resoluções diziam:

«A Conferência considerou a necessidade, para a preparação no mais curto prazo, das condições insurreccionais, de impulsionar as lutas populares contra a política fascista e em defesa dos interesses vitais imediatos da população portuguesa, especialmente aquelas acções susceptíveis de desenvolvimento para formas superiores de luta. Tais lutas não são indispensáveis para fazer frente à trágica situação económica, à repressão, ao obscurantismo que atingem largas massas da população, como são uma escola para a radicalização política do povo português, o desenvolvimento do seu espírito combativo e a revelação de quadros do movimento anti-fascista»

A Conferência concluiu que devem continuar a ser aproveitadas as possibilidades embora reduzidas, de actuação legal e semi-legal nos terrenos político, cultural, resso-ciativo e reivindicativo, e se devem fazer esforços para a criação de novas possibilidades desse tipo»

Tudo isto quer dizer que é pre-

(continua na pag. 2)

AGRAVA-SE A SITUAÇÃO

das tropas colonialistas portuguesas!



O CUSTO DE VIDA CONTINUA A SUBIR!

São cada vez mais alarmantes as notícias que nos chegam de Angola e da Guiné onde as tropas colonialistas sofrem derrotas dia a dia mais pesadas. Tinha absoluta razão o «Avante!» quando dizia, no seu último número, que Salazar mistificava as consequências da guerra colonial e que eram escondidas ao povo português as perdas em vidas e bens que se estão a registar. As transcrições que a seguir fazemos, são extractos de cartas recebidas directamente de Angola e da Guiné e dão bem a ideia do agravamento da situação.

De Angola dizem-nos: «Registamos com frequência faldas de disciplina dos soldados para com os oficiais. O desinteresse pela luta e o medo aumentam, pois as baixas diárias chegam às dezenas». «Em Ambriz e Ambrizete todos os dias se travam combates, notando-se em muitos casos mais baixas entre os soldados colonialistas do que entre os nacionalistas». «Os aviões desenvolvem um ajá enorme, noite e dia, para proceder ao carregamento dos feridos. Esta situação acentuou-se notavelmente a partir de 1 de Janeiro». E ainda: «A região onde se situa o Quartel General dos nacionalistas angolanos abrange centenas de quilómetros onde se não aventuram as forças portuguesas».

Por outro lado, pelas notícias dadas nos próprios comunicados dos comandos fascistas, vê-se que se travam combates no troço infe-

rior do rio Quanza, ou seja, numa região ao sul de Luanda e relativamente próxima desta cidade.

Por outras notícias vindas igualmente de Angola, sabe-se que os «choques dentro do exército são frequentes, tendo na origem a latente irritação gerada pelo recuo dos soldados nos combates, resistências a partir para o moto, deserções e afirmações feitas pelos próprios soldados de que não querem arriscar a vida por aquilo que lhes não pertence». Como se compreende é absolutamente justa esta resistência dos soldados. Os próprios oficiais como diz outra carta «quando se encontram em dificuldades, fogem do helicóptero do campo ao lado. Ultimamente várias companhias têm ficado sem comando, abandonadas porque os oficiais fogem para Luanda».

Na Guiné, as coisas são ainda mais desastrosas para as tropas colonialistas. Notícias igualmente recentes, afirmam-nos: «Os nacionalistas da Guiné travam combates com as forças portuguesas acerca de 6 a 7 quilómetros da cidade de Bissau. As viaturas já não podem ir para o moto. Os géneros alimentícios para os soldados são transportados de helicóptero, em virtude de as zonas onde se encontram, estarem isoladas e cercadas». Segundo alguns militares internados em hospitais da metrópole, são pesadas as baixas infligidas nesta colónia às tropas portuguesas.

Para se avaliar o volume destas baixas, basta dizer que, segundo

cálculos que devem estar muito próximo da verdade, só nos hospitais militares estão internados cerca de 50 oficiais, 180 sargentos e 2 mil soldados vindos das colónias, muitos deles com ferimentos ou doenças graves. E quantos ficarão internados e sepultados por lá?

Estas duras realidades confirmam inteiramente as previsões do Partido Comunista Português e doutras correntes democráticas que desde o início da guerra de Angola e da Guiné têm afirmado que ela só podia terminar pela derrota vergonhosa das tropas colonialistas e que ela seria e continuaria a ser, cada vez mais, fonte de desgraça e miséria para o povo português.

Mas Salazar, o inimigo número 1 da Nação portuguesa, continua na sua criminosa obstinação, cego a todas as realidades da nossa época e preparando, para breve, com o seu Ministro da Defesa e altos comandos fascistas, novas matanças em Angola e na Guiné. Nesta última colónia está em preparação uma grande ofensiva de forças combinadas, onde sem dúvida se irão perder centenas senão milhares de vidas humanas, sem que isso evidentemente resolva qualquer problema aos colonialistas. Os patriotas guineenses, como os angolanos, vencerão sejam quais sejam os sacrifícios que ainda lhes sejam impostos, enquanto que os colonialistas estão condenados a uma derrota inevitável e vergonhosa.

Perante as calamidades ainda maiores que se avizinham, o povo português, como os soldados e oficiais progressistas, não podem ficar inactivos. Há que intensificar as acções contra a guerra colonial. Há que desenvolver o mais possível nos soldados o espírito da revolta, da desobediência aos oficiais, da recusa em combater, da deserção colectiva. Há que mobilizar as famílias e as populações para se oporem aos embarques dos soldados. Há que encontrar formas de paralisar e enfraquecer a máquina de guerra fascista. A luta contra a guerra nas colónias tem de ser uma luta de todos os dias, ela tem de aumentar de volume e encontrar novas formas mais eficazes, mais potentes, mais violentas se necessário for.

MANTER A ORGANIZAÇÃO MESMO SEM CONTACTO

No período difícil que atravessamos, quando o fascismo sentindo o terreno fugir-lhe debaixo dos pés, lança o peso da sua brutal repressão sobre a classe operária e o seu partido, acontece frequentemente que os contactos com a organização numa empresa, numa localidade ou numa região são interrompidos. Sucede que em muitos casos as organizações paralizam, ficam à espera do controleiro, não reúnem, não cotizam, suspendem a actividade política. Ora isto não deve ser assim.

Em caso de perda de ligação deve a própria organização esforçar-se por encontrar na mesma localidade (num sector não atacado) ou noutra, o homem ou a mulher capaz de procurar ligação com o Partido. Os fundos devem continuar a ser recolhidos. A luta não pára. O combate pelo levantamento nacional que ponha fim ao fascismo não permite que se paralize. Sob o fogo do inimigo há que recuar, unir esforços e vontades, reorganizar de novo o Partido recrutando novos militantes e preparar novas lutas.

Que nenhuma organização deixe de viver só porque perdeu o contacto. Que se mantenham as organizações bem vivas mesmo sem ligação. Esta virá mais cedo ou mais tarde e, ao retomar o contacto, o Partido estará em melhores condições para prosseguir o seu trabalho

II CONFERÊNCIA DA FRENTE PATRIÓTICA

(continuação da 1ª pág.)
ciso não ficar à espera que as lutas surjam espontaneamente, é preciso fomentá-las, desencadeá-las e isto jamais se conseguirá na escala que se deseja se, em cada localidade, freguesia ou bairro, em cada classe, empresa ou oficina, em cada escola, quartel ou barco se não criarem os órgãos indispensáveis para desencadear estas lutas.

Que fazer então?

Criar milhares de Juntas de Acção Patriótica e outros organismos unitários

Que coordenem a «actividade das várias forças, correntes e sectores integrados na Frente Patriótica de Libertação Nacional».

O esforço organizativo não pode ficar a cargo desta ou daquela força ou corrente, mas tem de ser tarefa de todos. As forças que estiveram representadas na Conferência e outras que muito embora não estando lá, dão o seu apoio à F.P.L.N., agrupam a imensa maioria dos opositores ao regime fascista dentro e fora do país. Que quer isto dizer? Quer dizer que se todos trabalharem com vontade, se todos compreenderem e cumprirem as resoluções e recomendações da Conferência se criará a curto prazo uma organização capaz de encabeçar o assalto final às posições fascistas. Os

RÁDIO VOZ DA LIBERDADE

Emissora portuguesa da Frente de Libertação Nacional, ao serviço da luta anti-fascista e anti-colonialista!

Emitte TODOS OS SÁBADOS a partir das 23.15 em 25 metros, onda curta e 320 metros, onda média.

participantes na Conferência tiveram a justa visão de não amarrar ninguém a esta ou aquela forma de organização. Se há quem entenda que as Juntas de Acção Patriótica não são os organismos unitários mais convenientes, pois têm inteira liberdade de organizar todos os outros que entendam mais capazes, segundo o seu ponto de vista, o que é preciso é que esses organismos sejam quais forem, se integrem na luta e nos objectivos que constituem a razão de ser da Frente Patriótica de Libertação Nacional.

Os comunistas, que nunca pouparam esforços para preparar e desencadear as mais variadas lutas contra o fascismo, e pela melhoria das condições de vida das massas populares, como nunca o pouparam para criar uma organização unitária à escala nacional, sentem-se particularmente satisfeitos com a realização da Conferência e com os resultados políticos e táticos alcançados.

De acordo com as conclusões da Conferência chama-se desde já todos os militantes, simpatizantes e amigos, tal como todos os anti-salazaristas a duplicar os seus esforços não só para aumentar a organização das forças democráticas, como a desencadear todo o género de acções contra os salazaristas e a sua máquina de guerra, contra a repressão e pela liberdade dos presos políticos, contra o aumento dos impostos e do custo de vida, etc.

Portugueses! Anti-salazaristas!
«Se todos trabalharmos com afinco não estará longe a hora tão longamente ansiada e desejada. A hora em que varreremos finalmente da nossa Pátria a praga fascista e conquistaremos a liberdade, a paz e a verdadeira independência nacional».

A CLASSE OPERÁRIA DEVE INTENSIFICAR e fazer evoluir as suas lutas!



O aumento brutal do custo de vida vai diminuindo, cada dia que passa, o salário real das massas trabalhadoras. A prometida melhoria do nível de vida para todos os portugueses tão apregoada por Salazar e os seus ministros que devia sair da execução dos «milagrosos» Planos de Fomento, não passou como era de esperar de pura demagogia. Melhorias só os grandes potentados da banca e das empresas industriais e comerciais assim como o capital monopolista os têm alcançado, aliás Salazar não esperava nem tivesse outra coisa.

As massas trabalhadoras, e em primeiro lugar a classe operária, têm demonstrado vezes sem contada esperarem das promessas demagógicas da camarilha salazarista e dos seus planos de fomento.

Nos últimos tempos tem-se assistido a numerosas lutas travadas por diversas classes que vão desde os operários industriais aos assalariados agrícolas, dos bancários aos jornalistas, etc.

Os aumentos de salários e vencimentos alcançados nos últimos tempos tanto através da luta travada directamente nas empresas, como por meio da assinatura de Contratos Colectivos de Trabalho, são rapidamente anulados pelo aumento do custo de vida. Na maioria dos casos o que acontece é quando os aumentos chegam, estão já ultrapassados ou então, dada a subida constante dos géneros de primeira necessidade, rendas de casa, vestuário, calçado e outros, os aumentos alcançados pouco representam 3 ou 4 meses depois de conseguidos

As lutas

devem crescer e evoluir!

Para a totalidade dos trabalhadores quer tenham tido ou não aumentos recentes, impõe-se cada vez mais urgentemente que se organizem novas lutas ou se ampliem e façam evoluir as já em curso. Quer dizer, é necessário iniciar a luta onde ela ainda não começou, é preciso passar a novas formas onde ela se arrasta.

Evidentemente, que todas as formas de luta são boas desde que tenham em conta a disposição das massas, a sua experiência, tradição, etc; mas em relação a algumas classes e empresas como os corticeiros, têxtil, CUF e outras,

seria muita ingenuidade se se continuasse a fazer depender a luta apenas da recolha de assinaturas e exposições ao patronato, sindicatos e autoridades. Assim, os operários da CUF, por exemplo, já enviaram à gerência a sua exposição e o senhor Jorge de Melo já respondeu que se tivesse que satisfazer as reivindicações pedidas, tinha de fechar a fábrica. Isto significa que os trabalhadores da CUF têm de encetar novas formas de luta tais como, reduzir a produção ou fazer pequenas ou grandes paralizações de trabalho até obrigar o patronato a ceder e duma coisa podem ficar certos, sejam quais forem os aumentos alcançados, o senhor Jorge de Melo não encerrará a fábrica. O mesmo acontecendo com os corticeiros, com os têxteis e outros que devem, pelos menos, fazer acompanhar as suas exposições com assinaturas, se ainda lhes parecer que é de continuar neste tipo de luta, com a redução da produção, concentrações nas empresas, sindicatos, etc.

A luta travada apenas com exposições e assinaturas, é mais morosa e conduz por isso mais facilmente ao cansaço e dispersão das massas. Em face do agravamento

do nível de vida, impõe-se que os operários mais responsáveis e prestigiados de cada empresa, comecem a discutir outras formas de luta. É preciso que as palavras «greve», «redução de trabalho», «fazer cera» «concentrações» passem a ser assunto frequente das conversas dos trabalhadores. Esta será uma forma de fazer evoluir e intensificar as lutas da classe operária.

A unidade forja-se na luta!

A unidade da classe operária é a base fundamental na luta pela melhoria das condições de vida. Mas a unidade não se forja apenas com boas vontades ou por se falar muitas vezes nela. A unidade forja-se na luta diária dos trabalhadores por melhores salários, jornadas e vencimentos, pela melhoria das condições de trabalho, por reivindicações sindicais e políticas, nas manifestações de rua e na criação de uma poderosa organização.

Avante trabalhadores portugueses! Por novas e mais potentes lutas! Por novas e mais potentes batalhas contra a ditadura fascista!

VITÓRIA dos bancários

Após uma importante luta, os empregados bancários conseguiram impôr a revisão do seu Contrato Colectivo. Em duas assembleias gerais com mais de mil associados em cada uma delas e com delegados do Porto e Coimbra, os empregados bancários, pela firmeza e unidade que puseram na luta, fizeram fracassar as manobras do Grémio e das entidades patronais que queriam que os aumentos pedidos fossem compensados pela intensificação dos ritmos de trabalho, assim como não consentiram na divisão que os patrões pretendiam criar entre os trabalhadores de Lisboa e os da província.

Os empregados bancários no fim desta poderosa luta viram satisfeitos as suas principais reivindicações, alcançando com isso uma importante vitória. Esta luta conduzida tão firmemente pelos trabalhadores dos bancos, constitui uma preciosa lição de quanto vale a unidade e como esta se impõe ao patronato e ao governo mesmo quando conduzida na base do Sindicato.

O «Avante!» saúda os empregados bancários e chama a sua atenção para a necessidade de se manterem vigilantes, pois o patronato não deixará de tentar aumentar os ritmos de trabalho, como é seu desejo.

A Luta dos Trabalhadores

Os operários da CUF continuam a sua luta. Sem porem de lado as três reivindicações principais, os operários desta empresa resolveram numa reunião de sub-delegados, levar à administração através da Comissão Interna, as seguintes reivindicações mais imediatas: 1ª) satisfação para já do salário igual para trabalho igual; 2ª) desigualdade das gratificações do Natal mais uma vez verificadas; e ainda protestar pelo facto de os delegados da Comissão Interna terem sido interrogados pela PIDE.

Também numerosas mulheres da Têxtil reclamaram do Jorge de Melo que os 4\$00 de prémio da chamada «actividade» fossem integrados no salário, aproveitando para o abordar directamente, quando visitava a zona, do que ele, como é bem de ver não gostou.

Operários da CUF! Homens e mulheres, não vos deixeis adormecer pelas cantigas dos patrões nem amedrontar pelas ameaças da PIDE. Vós tendes meios ao vosso dispor, como a redução da produção e a greve, que se os empregados vos assegurarão a vitória.

A classe têxtil segue lutando.

Os operários desta importante classe enviaram ao sindicato um abaixo-assinado com 500 assinaturas a reclamar a convocação da já prometida Assembleia Geral extraordinária para discussão das reivindicações de classe.

Desde há muito os operários da Têxtil vem reclamando sem resultado, a satisfação das suas reivindicações, isto quer dizer que se impõe que os operários mudem de tática. Ou seja, que passem a outras formas de luta como diminuição da produção, concentrações e mesmo a greve. No dia em que o fizerem verão como as coi-

sas começaram a apresentar-se com outra cara.

O caminho mais justo. O pessoal dos serviços municipalizados do Porto onde estavam a ser pagos salários de 24\$00 diários, tomaram o caminho mais justo para obrigar a Câmara a aumentar-lhes o salário.

No mês de Dezembro, dando mostras dum elevado espírito de unidade eles concentraram-se em frente do Município, gritando: «Temos fome» «Queremos Pão». Perante uma tão firme como inesperada atitude, o presidente não teve outro remédio que atender imediatamente a justa reivindicação dos trabalhadores, tendo alguns deles passado de 24 para 36\$00 por dia, portanto um aumento de 50 por cento.

Esta foi uma boa vitória dos trabalhadores da Câmara do Porto, mas ela longe de os deixar satisfeitos, deve servir de exemplo para novas lutas, pois no ritmo em que a vida está a subir e o que ela já custa hoje, 36\$00 não dão para viver.

Os operários da Socorquex venceram. Depois de várias concentrações junto da gerência, os operários desta empresa alcançaram o aumento de 5\$00 diários. Esta vitória tem tanto mais importância se se tiver em conta que este é o segundo aumento em menos de 2 anos.

TUDOR. Depois de muitos protestos e do descontentamento ter atingido um grau elevado, a empresa foi obrigada a conceder aumentos que vão de 5\$00 a 20\$00.

«Protecção» fascista aos pescadores. Na última safra do bacalhau nos bancos da Terra Nova, o capitão Manuel Guerra quiz obrigar os pescadores a arriarem os «dóries» sem terem comido. Res-

pondendo a esta injustiça, 53 deles recusaram-se a fazê-lo pelo que ao chegarem ao país, foram metidos na cadeia.

Bravos pescadores do bacalhau, não haverá entre vós quem seja capaz de arriar o capitão em vez do «dórie»?

Texteis da Covilhã. A direcção do S.N. do Pessoal da Indústria de Lanifícios, foi eleita em Fevereiro de 1963 e sancionada, depois menos o presidente, com a alegação de que diverge politicamente do regime. O INT propôs, nem mais nem menos que a direcção eleita trabalhasse com o presidente cessante. Como é bem de ver aqui reside toda a questão, ou seja, manter em exercício o laço que os trabalhadores expulsaram do sindicato. Com toda a razão e firmeza a direcção eleita repudiou tal manobra.

Trabalhadores da Gafanha. Assim de conseguirem que seja criada uma secção Sindical na Gafanha da Nazaré, os trabalhadores de terra e mar desta localidade, enviaram ao seu sindicato, cuja sede é em Matozinhos, uma exposição com mais de uma centena de assinaturas, continuando, entretanto, a recolha de mais.

Jornalistas. Surgiu há pouco, entre a classe dos jornalistas a reivindicação dum novo Contrato Colectivo que beneficie mais a classe e dê satisfação a algumas reivindicações, tendo começado a circular um abaixo-assinado dirigido ao sindicato, verberando a atitude do grémio e pedindo uma Assembleia Geral para discutir o projecto do Contrato. Dado o entusiasmo que existe entre a maioria dos jornalistas, tudo leva a crer que esta iniciativa terá o total apoio da classe.



Transmite diariamente das 7 às 7,30 em 50 metros, das 19 às 19,30 e das 21,15 às 21,45 em 32 metros e das 23,30 às 23,50 em 36, 40 e 43 metros.

Aos Domingos, em emissão especial, dedicada aos camponeses e agricultores, das 12 às 12,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.



A UNIÃO SOVIÉTICA e a unidade do movimento comunista internacional

A todos os comunistas e pessoas progressistas tem preocupado e preocupam as divergências existentes no Movimento Comunista Internacional. Quem tenha acompanhado atentamente a evolução destas divergências terá notado, entre outras coisas, que enquanto os camaradas soviéticos utilizam na polémica com os camaradas chineses uma linguagem serena e objectiva, os camaradas chineses utilizam uma linguagem violenta e muitas vezes caluniosa, mais parecendo tratárem com inimigos que com camaradas. Por outro lado, tem havido da parte dos camaradas soviéticos um sério esforço para encontrar solução para as divergências, ou pelo menos um compromisso para acabar com os ataques públicos que em nada ajudam ao esclarecimento da situação.

Na sua carta aberta publicada no «Pravda» de 14 de Julho de 1963, diziam os camaradas soviéticos: «Nas suas cartas de 22 de Fevereiro e 31 de Maio de 1962 o CC do PCUS chamou a atenção do CC do PCC sobre as perigosas consequências que poderia ter para a nossa causa comum um enfraquecimento da coesão do movimento comunista internacional. Propusemos neste período aos camaradas chineses tomar medidas para não permitir aos imperialistas utilizar em seu proveito as dificuldades surgidas nas relações soviético-chinesas». Por sua vez o camarada Cunhal no seu informe de Agosto sobre as divergências no Movimento Comunista Internacional citava algumas expressões dos camaradas chineses contra os camaradas soviéticos que facilmente se pode imaginar pior de entre elas salientamos: «capitular ante o imperialismo norte-americano», «não odiar o inimigo de classe», «ser contra a luta de classes» trabalhar para a «restauração do capitalismo na URSS», etc. Na sua Revista «Pequin Information» dizem-se as coisas mais incríveis. Referindo-se à assinatura do Pacto de Moscovo contra os ensaios nucleares, escreveu-se no seu número de 12 de Agosto: «Nós assistimos, nem mais nem menos que a uma aliança americano-soviética contra a China». Para caracterizar o Programa de edificação do comunismo na URSS, aprovado no XXII Congresso do PCUS considerado o Manifesto Comunista da nossa época, os camaradas chineses não encontram outra linguagem que não seja «é um programa revisionista de manutenção e restauração do capitalismo» («Pequin Information» de 16 de Setembro de 1963). Frases e ideias deste tipo, publicadas na imprensa e divulgada pela Rádio chinesa podiam encher páginas. É evidente que falando-se assim, não pode ajudar ao esclarecimento dos problemas, mas contribuir-se-á para o alargamento da confusão e a divisão do Movimento Comunista Internacional.

Reforçar a Unidade, uma necessidade vital

A necessidade de reforçar a unidade no Movimento Comunista

Internacional é uma necessidade vital não apenas para apressar o triunfo do socialismo e a libertação dos povos oprimidos, como também para afastar o perigo duma guerra termo-nuclear. Também neste aspecto o papel da União Soviética e do Grande Partido de Lénine têm sido e continuam a ser incansáveis. As conversações realizadas com numerosos dirigentes de outros partidos irmãos com vistas a encontrar o caminho que assegure este reforço, aí está para o demonstrar. Entre os partidos que ao lado dos camaradas soviéticos se têm esforçado para encontrar este caminho, está o Partido Comunista Português, que como já noticiámos realizou em Setembro conversações com o Partido Comunista da União Soviética, de onde saiu o comunicado conjunto que passamos a transcrever:

COMUNICADO DAS CONVERSAÇÕES ENTRE O PCUS E O PCP

«No final de Setembro de 1963, um membro do Secretariado do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, Mikail Suslov, recebeu a delegação do Partido Comunista Português que se encontra na União Soviética a convite do Comité Central do P.C.U.S., composta pelo Secretário Geral do Partido, Álvaro Cunhal, pelo membro do Secretariado, Sérgio Vilarigues e pelos membros do C.C., Francisco Miguel, Joaquim Gomes dos Santos e António Gervásio.

No decurso das conversações, teve lugar uma troca de informações recíprocas acerca das actividades dos dois partidos irmãos.

O camarada Álvaro Cunhal informou acerca das conclusões da reunião do C.C. do Partido Comunista Português há pouco realizada e dos documentos aprovados.

As conversações que tiveram lugar num ambiente amistoso e cordial, mostraram a completa identidade de pontos de vista dos dois partidos, constituindo uma nova confirmação das relações

fraternas entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista Português».

O respeito pelos princípios das Conferências de 1957-60

Os camaradas soviéticos ao lado da quase totalidade dos Partidos irmãos, têm-se batido e batem-se pelo respeito dos princípios aprovados nas Conferências de Moscovo de 1957-60.

Entre estes Partidos está o P.C.P. que pela voz do seu Secretário Geral e no informe já citado dizia: «Subscrevendo a Declaração dos 81 Partidos, o Partido Comunista Português tomou perante o movimento comunista internacional a obrigação de observar a linha geral do movimento comunista internacional definida nessa Declaração e assim o temos sempre feito. Não diminuirá essa obrigação a independência do nosso Partido. Não, em nada diminui a independência do nosso Partido. Pelo contrário. A linha geral do movimento comunista, que representa a resultante da experiência e trabalho ideológico criador do movimento comunista internacional, ajuda o PCP a fazer uma análise justa da situação política portuguesa e a delinir, com completa independência, a sua linha política e tática».

«É dentro desta independência e aproveitando a experiência dos outros partidos irmãos, e a sua própria, que o P.C.P. pode estabelecer uma linha política e tática que se integra perfeitamente nos princípios estabelecidos pelos 81 partidos e pelas teses aprovadas no XX Congresso do PCUS, que bem explicitamente dizem ser necessário o emprego da força lá onde os exploradores recorram à violência contra o povo».

É pois com plena independência e absoluto sentido das responsabilidades que o P.C.P. se mantém fiel aos princípios aprovados nas Conferências de 1957-1960 e ao lado da quase totalidade dos Partidos irmãos e em primeiro lugar do PCUS, dá a sua contribuição para a Unidade do Movimento Comunista Internacional.

«AGENTES PROVOCADORES DE SALAZAR EM FRANÇA!»

Com este título publicou o jornal «L'Humanité» de 1 de Janeiro de 1964, a seguinte notícia:

«Quando distribuía o jornal da CGT, editado em língua portuguesa, um emigrado foi recentemente vítima de uma selvagem agressão em Champigny, onde residem numerosos trabalhadores que fugiram ao ditador Salazar. Este democrata, sobre quem se lançaram 5 indivíduos de nacionalidade portuguesa, foi ferido com uma facada num ombro. Foi graças à intervenção dos trabalhadores portugueses que um perigo maior foi evitado.

Os bandidos não esconderam que o conteúdo do jornal — que evocava nomeadamente as lutas heróicas dos trabalhadores portugueses — não era do seu agrado.

Esta agressão parece confirmar as informações, segundo as quais, a polícia da Salazar teria decidido enviar a França um certo número de agentes provocadores com o objectivo de criar um clima de terror entre a emigração portuguesa e em particular, entre os trabalhadores que na sua grande massa participa em todos os combates que a classe operária trava no nosso país.»

Esta ignóbil agressão levantou os mais enérgicos protestos e outros jornais se referiram a ela, entre eles, «Le Reveil». A secção de Champigny do Partido Comunista Francês, solidarizou-se com os trabalhadores portugueses, publicando um documento em que dizia:

«Trabalhadores portugueses! Pela defesa da liberdade, para que reine a tranquilidade na vossa colónia, para que seja reforçada a amizade entre todos os trabalhadores, qualquer que seja a sua nacionalidade, vós podereis contar sempre com o apoio do Partido Comunista Francês, dos seus membros e da população laboriosa de Champigny!»

RÁDIO MOSCOVO

Transmite diariamente, em português, das 18,30 às 19 e das 19,30 às 20 horas pelas ondas de 31, 41 e 49 metros.

8 DE MARÇO DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Faz dois anos que 20 mil pessoas comemoraram na cidade do Porto o dia internacional da mulher. Nesse dia muitas cidadãs nortenhas sentiram como os governantes salazaristas, através do seu brutal aparelho repressivo «protegem» os direitos da mulher portuguesa.

Em poucos países civilizados as mulheres estarão mais desprotegidas que em Portugal. As leis salazaristas negam praticamente

o direito de voto às mulheres, como igualmente lhes é negado o direito de receber por trabalho igual salário igual, a assistência no parto é quase inexistente, como é inexistente a assistência na doença, viuvez, velhice, etc.

Pelas masmarras de Salazar têm passado centenas e centenas de mulheres, algumas das quais estão condenadas à prisão perpétua, outras têm sofrido os mais desumanos torturas às mãos da Pide.

Mas as mulheres portuguesas não estão sós. No Congresso Internacional das Mulheres, realizado no Verão passado em Moscovo, a delegação portuguesa foi alvo das mais carinhosas homenagens. Figuras das mais destacadas, como Valentina Tereskoje, a primeira cosmonauta do mundo e Nina Kruschova, enviaram às mulheres e aos presos políticos portugueses mensagens de solidariedade. Junto publicamos a mensagem de N. Kruschova.

Nesta histórica data, o «Avante» caída as valentes mulheres portuguesas e incita-as a intensificar a luta contra a guerra colonial, contra o aumento do custo de vida, Pela Amnistia e contra a repressão, Pela Paz!

*Трубету репорте ехму
менумуаму Топтуг-
рамму е Веемупмово
Конспееца Мемумуа
лума Трпмуче*